Francisco de Andrade Barroso

Igrejas do Ceará

Crônicas Histórico-descritivas

N.Cham. 246.9 B285i
Autor: Barroso, Francisco de Andrade,
Título: Igrejas do Ceara : cronicas
13988734 Ac. 98371
BCH

ÍNDICE ALFABÉTICO POR LOCALIDADE

	Pág.
ACARAÚ, Nossa Senhora da Conceição	225
ALMOFALA, Nossa Senhora da Conceição	237
APUIARÉS, São Sebastião	101
ARACOIABA, Nossa Senhora da Conceição	145
ARATUBA, São Francisco de Paula	139
BATURITÉ, Nossa Senhora da Palma	157
Sagrado Coração de Jesus	173
Santa Luzia	163
BELA CRUZ, Nossa Senhora da Conceição	253
BOA VIAGEM, Nossa Senhora da Boa Viagem	375
CANINDÉ, São Francisco das Chagas	57
Nossa Senhora das Dores	65
Coração de Jesus	65
CAPISTRANO, Nossa Senhora de Nazaré	151
CARIDADE, Santo Antônio	79
CAUCAIA, Nossa Senhora dos Prazeres	119
CRUZ, São Francisco de Assis	247
FORTALEZA, São Bernardo	73
Bom Jesus dos Aflitos, Parangaba	49
Nossa Senhora do Carmo	35
Coração de Jesus	21
Cristo Rei	189
Dorotéias	219
Nossa Senhora de Fátima	15
Pequeno Grande	275
Nossa Senhora da Piedade	197
Nossa Senhora dos Remédios	27
Nossa Senhora do Rosário	67
FRECHEIRINHA, Nossa Senhora da Saúde	283

GIJOCA DE JERICOACOARA, Santa Luzia 259
IBIAPINA, São Pedro 321
ITANS, Nossa Senhora da Conceição 135
ITAPIÚNA, Nossa Senhora da Conceição 167
ITAREMA, Nossa Senhora de Fátima 243
MADALENA, Nossa Senhora da Conceição 381
MARANGUAPE, Nossa Senhora da Penha 43
MARCO, São Manuel 263
MERUOCA, Nossa Senhora da Conceição 183
MINEIROLÂNDIA, N. S. do Perpétuo Socorro 361
MOMBAÇA, Nossa Senhora da Glória 349
MORRINHOS, Coração Imaculado de Maria 269
MUCAMBO, Sant'Ana 329
MULUNGU, São Sebastião 205
OITICICAS, Santa Luzia 301
PACATUBA, Nossa Senhora da Conceição 83
PACOTI, Nossa Senhora da Conceição 177
PARAMOTI, Sant'Ana 131
PEDRA BRANCA, São Sebastião 367
PENTECOSTE, Nossa Senhora da Conceição 95
PIQUET CARNEIRO, Coração de Jesus 355
QUIXERAMOBIM, Santo Antônio 341
REDENÇÃO, Nossa Senhora da Conceição 211
SÃO GONÇALO DO AMARANTE, São Gonçalo 89
SENADOR POMPEU, Nossa Senhora das Dores 113
SIUPÉ, Nossa Senhora da Soledade 127
SOBRAL, Menino Deus 335
TIANGUÁ, Sant'Ana 305
TRAIRÍ, Nossa Senhora do Livramento 107
UBAJARA, São José 313
VIÇOSA DO CEARÁ, Nossa Senhora da Assunção 289

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Acaraú

Mal os descobridores e pioneiros no reconhecimento do litoral norte do Brasil, vindos das capitanias da costa leste, avançaram no rumo do Rio Mar, no seu encalço, ou mesmo à sua frente, caminharam os religiosos, chamados do hábito de São Pedro - os seculares, ou pertencentes a ordens, especialmente franciscanos, jesuítas e carmelitas, com o propósito de evangelizarem os indígenas e darem assistência aos colonos brancos que, sucessivamente, iam ocupando as margens dos rios e subindo em direção ao sertão.

Em 1722 foi criado o Curato da Ribeira do Acaraú, entregue ao Padre João de Matos Monteiro; em 1757 o mesmo foi dividido entre as freguesias de São Gonçalo da Serra do Côcos, Nossa Senhora da Conceição da Caiçara, Nossa Senhora da Conceição da Amontada e de Coreaú

da Macaboqueira, sediada provisoriamente na capela de Santo Antônio do Olho d'Água, desde o mais remoto interior até as praias.

Havendo o Padre José Borges de Novaes criado uma Missão em Almofala, desde o início do século, o Capitão Mor Antônio Vitoriano Borges da Fonseca, em 1766, tomou a iniciativa de instalar aí mais uma paróquia dedicada à Virgem Concebida Sem Pecado; depois, verificou-se a decadência dessa povoação e o crescimento de outras mais a oeste, pelo que, em 5 de setembro de 1832 foi a freguesia transferida para a Barra do Acaracu, atribuindo-se-lhe territórios de dez léguas para leste do seu rio sinônimo, quinze léguas para oeste e dez léguas para o interior.

O ato que determinou a transferência foi transcrito no Livro de Tombo nº 1, da paróquia, sendo de autoria da Regência Trina: Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho e João Bráulio Muniz, que governava o País na menoridade de Dom Pedro II. Mas em 10 de setembro de 1838, o Presidente da Província do Ceará, Manuel Felizardo de Souza Melo, resolve elevar a capela de Sant'Ana à Matriz, anexando-lhe a área da recém-criada Barra do Acaracu, o que foi revogado posteriormente, quando José Joaquim Coelho, novo Presidente, em 15 de dezembro de 1842, fez voltar a sede para o local anterior.

Quem fez transcrição do Decreto da Regência e informou as transferências seguintes foi o Padre Antônio Xavier de Castro e Silva, que teria sido o terceiro vigário (os primeiros foram os Padres Francisco Rodrigues Barbosa, que Nicodemos Araújo diz não se ter empossado, e Bernardo Clemente da C. e Oliveira), a quem caberia o período de 1834 a 1901, segundo placa afixada à porta da Matriz. Entretanto, no Livro de Tombo, ele declarou ter-se empossado como vigário colado - isto é, vitalício - em 24 de julho de 1838, sendo provável que já estivesse na função, como pároco encomendado - quer dizer, provisório - desde antes. Quando ocorreu a ida para Sant'Ana, ele foi reconhecido como responsável por esta, onde assumiu em 18 de junho de 1840, sem informar quando retornou à Barra.

Acompanhando os registros dos Livros de Tombo - onde, por equívoco quanto à verdadeira finalidade de tal instrumento - estão lançadas, especialmente, cópias de pastorais e portarias recebidas das autoridades episcopais e correspondências em geral, vê-se que em 1845 houve divergência entre o Padre Antônio Xavier e seus colegas Padre Luiz Antônio da Rocha Lima, de São Bento da Amontada, e Padre João Barbosa Cordeiro, de Granja, sobre os limites das suas freguesias, assunto que foi re-

solvido em 6 de dezembro pelo Bispo de Pernambuco, Dom João da Purificação.

No mesmo ano de 1845, o Visitador Diocesano, Padre Antônio Pinto de Mesquita escreveu aos vigários mandando rezar missas pedindo chuvas ...

Visitando a Barra em 21 de outubro de 1849, o mesmo Visitador chama a Matriz de Casa de Oração, por ser muito pequena, sem espaço para os fiéis, e por não ter patrimônio, tendo, porém, limpeza e decência, e termina o termo da sua visita pastoral recomendando: 1°. - a construção de uma igreja; 2°. - que, enquanto não o conseguirem, se faça um cemitério, evitando que os defuntos precisem ir para inumação em Sant'Ana; 3°. - é preciso pregar o Evangelho ...

O Pe. Antônio Pinto de Mesquita voltou à Barra em 19 de outubro de 1853, tornando a reclamar a falta de uma igreja e dizendo que os livros encontravam-se com a escrituração atrasada. A situação na chamada Casa de Oração era tal, que em 1851 o Padre Xavier havia pedido autorização para trasladar as imagens para o nicho de Santo Antônio. Mais uma vez o Visitador veio à localidade, em 1855, quando pediu ao vigário providências quanto às danças de São Gonçalo (!) e às festas da Juritianha (?).

Em 1863, a 17 de janeiro, foi a vez do primeiro Bispo do Ceará conhecer esta paróquia, quando disse: a Matriz é uma das mais pobres do Bispado, faltando-lhe alfaias e paramentos ...

Essa situação e a falta de providências se chocavam com o fato de ter sido doada a Nossa Senhora da Conceição, desde 1806 (conforme Nicodemos Araújo assegura no seu livro "Município de Acaraú") a légua de terras conhecida como Oficinas, por José Monteiro de Melo, que a havia comprado ao Padre Basílio Francisco dos Santos, por 1:200$000 (um conto e duzentos mil réis). Não se compreende, a não ser atribuindo-o à circunstância de ter sido o inventário do doador aberto em Sobral, ter ficado esse bem incorporado à Matriz daquela cidade. Só em 1908, após vários entendimentos, ou desentendimentos, é que os acarauenses conseguiram, por decisão do próprio Núncio Apostólico do Brasil, Dom Alexandre Barona, arcebispo de Tessália, a transferência da terra à sua Matriz, ocasião na qual foi paga uma indenização de três contos de réis à de Sobral.

Mas não havíamos chegado à essa conclusão seguindo os Livros de Tombo, que não tocam nesse assunto, prosseguindo com transcrições infindas, de nenhum interesse histórico. Em 1880 há cópia de um ofício do Padre Francisco Xavier Nogueira, vigário de Sant'Ana, dizendo que to-

mou posse dos distritos de Marco e Tucunduba, que lhe foram concedidos quando da criação da paróquia de Meruoca, como compensação.

Em 1884 o nosso vigário passa a chamar-se Antônio Xavier Maria de Castro, e em 8 de agosto de 1885 recebe a visita de Dom Joaquim José Vieira, segundo Bispo do Ceará, cuja constatação é de grande transformação: "A igreja Matriz, espaçosa e bem proporcionada, foi há pouco retocada a esforços do Rvdo. Páraco, que apesar da sua avançada idade, foi infatigável em proporcionar meios para atingir tão louvável e piedoso fim" - nessa época já se dizia Acarahu, como resultado da Lei Provincial de 22.01.1879.

O Padre Xavier de Maria fez um pequeno relatório, em seguida à essa visita pastoral, dizendo que quando a freguesia foi criada a Casa de Oração era de taipa, o povo muito pobre, sem indústria nem comércio; só nos idos de 1850, com esmolas e subvenção da Assembléia - o Padre era Deputado, "pôde levantar a capela-mor atual, sendo o corpo da igreja concluído em 1862, pelo virtuoso missionário, de eterna memória, Pe. Dr. Antônio de Maria Ibiapina". Essas informações são de 1º. de dezembro de 1886, quando também registrou a situação das várias capelas sob sua jurisdição.

O historiador do Vale do Acaraú, Nicodemos Araújo, assevera que a primeira capela foi construída em 1749; faz referência à colaboração do Padre Ibiapina, pondo-a em outra data, e diz que na grande seca de 1878 foram empregados braços de flagelados nas obras de melhoramento da Matriz. Em 1902 o vigário era o Padre Antônio Tomaz, e aqui coincidem Nicodemos e o Livro de Tombo: o Padre Joaquim Severiano de Vasconcelos foi encarregado de dirigir serviços de melhoramentos na igreja.

Diz Nicodemos que o Pe. Severiano despendeu 25:435$250, ficando uma dívida de 7:768$780, que foi acabada de pagar em 31 de março de 1907, quando foi rezado um Te Deus de ação de graças, pelo Pe. Antônio Tomaz; não se tem notícia de quais obras foram feitas, então; o vigário escrevia belos sonetos, mas não referia o que ocorria na sua Matriz ...

Em 2 de outubro de 1913 a visita pastoral foi feita pelo Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota. Em 1924 o Pe. Francisco Araken da Frota, de Sant'Ana, esteve algum tempo como encarregado de Acaraú; depois, em 31 de janeiro de 1926, ocorreu a posse do Padre José Arteiro Soares, que até 1928 fez fôrro, altares e reformou o frontespício da igreja,

tanto que em 1930, retornando Dom José, escreveu que: "A Matriz acaba de passar por uma reforma importante".

Evento trágico e inesperado aconteceu em 19 de junho de 1931: o Pe. Arteiro foi assassinado dentro da igreja, fato que só está referido, de passagem, no Livro de Tombo, sem mais detalhes ... Pouco depois, o Bispo solicitou que o Padre Araken ficasse, novamente, como encarregado, e para proceder ao rito de reconciliação do templo, que fôra profanado, mas este pediu dispensa por motivo de doença e de avançada idade, pelo que a tarefa foi atribuída ao Padre José Aloysio Pinto, Secretário do Bispado.

Esse crime, sem precedentes pela forma e lugar onde foi perpetrado, aparentemente nunca foi esclarecido. O Padre Arteiro fôra aconselhado pelo próprio Bispo e por amigos para se afastar da cidade, mas consta ter dito que não sendo culpado de nada, a nada temia ...

Em seguida, Acaraú recebeu o Padre Sabino de Lima (só muito à frente se fica sabendo que também era Feijão), empossado em 19 de junho de 1932. Já em 1934, este começa sua faina de construtor, pedindo ao Bispo autorização para reconstruir as capelas de Tanque do Meio, da Cruz e de Almofala - o que foi aprovado, e uma sacristia na Matriz - não aceita.

Em 18 de dezembro de 1934 terminam proveitosas Missões, pregadas, na Matriz, em Tanque do Meio e em Santa Cruz pelos Padres lazaristas Pedro Vermeulen, João Rinjtjes e Thiago von Rijn; em 1939 registram-se novas visitas dessa natureza, vindas de Fortaleza.

Em 1941 o Padre Sabino fez um balanço das instalações religiosas: a Matriz e capelas de Cruz, Timbaúba, Cacimbas, Itarema, Caiçara, Prata, Juritianha, Patos, Bela Cruz e Tapera, e mais São Sebastião, São Benedito, Santo Antônio e Santa Clara, estas na própria sede municipal, há muito oficializada como Acaraú (Lei de 1882).

Em 1939 o Padre Sabino constrói a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, iniciada a 5 de agosto e benta em 3 de setembro. A 26 de janeiro de 1945 chegam as Irmãs de Caridade, para a Escola Normal Rural Virgem Poderosa, instituição patrocinada pelo vigário.

Nesse último ano, em 30 de outubro, acontece mais uma visita pastoral de Dom José, que nota estar a Matriz em vias de conclusão na sua grande reforma, sem que, até essa data, o Livro de Tombo tivesse qualquer anotação acerca desse assunto.

Posteriormente (Monsenhor Édson Magalhães acha que a redação é, provavelmente, do futuro Dom Edmilson Cruz, com dados técnicos do engenheiro-arquiteto-escultor Agostinho Odísio) foi lançado no Livro um

histórico-descrição das obras: início em 2 de setembro de 1942, por elevação da torre, que esteve a cargo de construtor Antônio Rodrigues, e foi executada dentro de seis meses; ao mesmo tempo fôra iniciada sacristia, pelo pedreiro Raimundo Leão, que a concluiu em quatro meses, ficando a parte de carpintaria à cargo de Francisco Miranda Monteiro e Raimundo Prisco Ribeiro, naturais de Acaraú.

Quando se trabalhava na sacristia, constatou-se que o teto da igreja estava a ponto de desabar, motivo pelo qual, após diversas considerações, resolveu-se reconstituir tudo, sob o desenho de Agostinho Odísio; foram demolidos até os altares, em 1°. de julho de 1941, sendo os atos religiosos transferidos para o Salão Paroquial.

A ausência de bons invernos (com a queda das esmolas) e a guerra (com a elevação dos custos de materiais) fizeram atrasar a conclusão dos trabalhos; em determinada altura o Sr. Bispo benzeu e consagrou o altar-mor, sem que fosse identificada a respectiva data.

Novos sinos foram adquiridos e colocados, que os anteriores eram pequeninos (em certa ocasião um deles foi cedido à capela de São Sebastião). Os novos vieram de São Paulo, fabricados pela firma Sinos Samassa Ltda.: um pesando 700 quilos, afinado em Sol, tem a imagem de Nossa Senhora da Conceição, o segundo, de 351 quilos, timbrado em Si, tem o Coração de Jesus, o terceiro, de 204 quilos, vibra em Re, com a efígie de São José, enquanto o último, com 148 quilos de peso, leva esculpido São Miguel Arcanjo, e soa em Mi.

O redator, falando em nome do Padre Sabino, não esquece de salientar a participação dos fiéis que além dos donativos, por exemplo, carregaram às costas os materiais da demolição, que enchiam a praça circundante.

Chegando o momento da reinauguração, Dom José não pôde comparecer, talvez até por causa de sua saúde, tanto mais que as estradas eram muito incômodas àquele tempo, mas autorizou que o representassem. Consequentemente, no dia da Medalha Milagrosa, 27 de novembro de 1947, a nova e notavelmente embelezada Matriz de Acaraú foi benta; a missa foi celebrada pela Padre Otacílio Alves, de Ubajara, auxiliados pelos Padres Odécio Loiola Sampaio, de Bela Cruz, e Paulo SDS, de Fortaleza, sendo panegirista o Padre Joviniano Loiola, de Sant'Ana.

Essas obras de reconstrução foram de extraordinário vulto, tanto aumentando como aformoseando a Matriz, que se transformou num dos mais belos templos do Ceará! A seguir tentarei fazer-lhe a descrição!

Em 23 de dezembro de 1947 ainda foi erigida a Via Sacra; em 3 de junho de 1958 o laborioso pároco foi premiado com a sua nomeação para Camareiro Secreto extranumerário de Sua Santidade, com o título de Monsenhor. Durante o seu paroquiato teve vários cooperadores, dos quais o último foi o Padre Expedito Silveira de Souza, nomeado em 18 de janeiro de 1963, que ficou até 11 de novembro de 1965.

Em 26 de julho de 1965 Monsenhor Sabino de Lima Feijão, que estava no Rio de Janeiro, para tratamento de saúde, há vinte dias, faleceu, para grande consternação dos seus paroquianos, a quem dera assistência por 33 anos; seu corpo foi transportado para Acaraú, onde, a 28, houve uma missa de Réquiem, celebrada por Dom Walfrido Teixeira Vieira, novo Bispo de Sobral; depois, foi encontrado testamento rascunhado pelo morto, que dizia nada ter para deixar aos seus parentes, exceto os objetos de uso pessoal.

O então Padre José Édson Magalhães, acarauense que vigariava a vizinha paróquia de Cruz, foi nomeado para sua vaga, por provisão de 2 de agosto de 1965, vindo a tomar posse em 5 de setembro. Sua dedicação, representada pela constante assistência aos fiéis e promoção das linhas de ação da Igreja, assim como pela construção e melhoramentos em capelas e consertos e conservação da Matriz (já houve pintura completa e substituição de elementos de sustentação do teto), trouxeram-lhe a condição de Monsenhor, por ato de 27 de fevereiro de 1975.

A igreja tem 50 metros de comprimento por 20 de largura, aumentando para 32 nas capelas laterais; a torre atinge a altura de 41 metros, partindo de uma base de quatro metros quadrados; na fachada principal nota-se que esta é saliente sobre a linha das portas, sendo aberta em arcos, na parte inferior, de forma a constituir um pórtico, com duas colunas e um pequeno frontão semi-embutidos, na frente, este chegando até um óculo, com grade que exibe seis pétalas; à meia altura está uma imagem de Nossa Senhora das Graças, de dois metros, devida à arte de Agostinho Odísio, em nicho raso, correspondendo a dois óculos nas faces laterais; mais alto, longas e estreitas janelas, duas de cada lado, e o relógio, de quatro mostradores, a seguir; então, a torre quadrangular torna-se em pirâmide, comprida, com o Cristo, de braços abertos, de três metros e meio, no cimo.

Nas continuações da fachada ficam duas portas, quase idênticas à que se abre após o pórtico, cada qual com seu óculo, acima, a partir de onde a frontaria sobe para reunir-se à torre; mais para fora estão as es-

truturas dos torreões, com espaços cavados onde ficam São Pedro e São Paulo, esculpidas por Aníbal Varela, de dois metros de altura. Essas torretas são estreitas e altas - dois terços da dimensão da torre principal, com frestas nos quatro lados, conclusão piramidal e um cruzeiro no topo; elas não ficam nas arestas, sobre as quais, e sobre cada uma das colunas que fortaleceram as paredes externas laterais, ficam marcos, não como pinhas, mas em forma de paralelogramos.

Nos lados, uma janela do tipo padrão, longa e alta, formando como brise soleil horizontal, depois três grupos de duas destas, dentro do desenho de um grande arco, com um óculo de seis pétalas sobre cada par; uma porta, ao modelo das da frente, porém mais estreita; mais janelas em quatro faces das capelas, enquanto a face extrema, corresponde ao altar interno, é fechada, mas exibe um nicho quase na altura do telhado, com santos na mesma cor marfim de São Pedro e São Paulo; aqui são: o Arcanjo Miguel, ao lado da igreja, e São José, à esquerda.

Na haste superior da cruz latina - que é a planta baixa do templo, há um conjunto de três janelas e um óculo iluminando e arejando a capela-mor; uma porta para a sacristia, duas janelas na face imediata e um conjunto diferente nos fundos: três janelas e óculo no alto, servindo ao pavimento superior da sacristia, e três janelas no nível térreo desta, tudo coroado por uma série de pináculos quadrados, com uma cruz.

Quem entra pela porta principal encontra dois portões para o batistério e as escadas; três arcos sustentam a verga em meia lua que forma a frente do côro, superada por parapeito com um bonito emblema da música, enquanto no alto o fôrro é decorado com vários anjos músicos. As quatro colunas, duas semi-embutidas nas paredes das saletas citadas, são quadradas, com grandes capitéis com folhas de acanto.

Na nave três arcos abrem-se para cada corredor; no fôrro a Coroação de Nossa Senhora, com o Pai e o Filho segurando a coroa, e o Espírito espargindo Pentecostes; nos extremos , anjos e nos ângulos os Evangelistas, tudo isso em alto relevo e colorido (o fôrro continua sobre o côro, da forma como já foi descrito).

No espaço junto ao arco-mor, onde existem altares na maioria das igrejas, ficam dois púlpitos de alvenaria, com acesso pelo outro lado das espessas paredes; figuras lembrando os Evangelistas decoram a parte externa dessas tribunas, tendo cada qual seu sobrecéu ornamentado.

A Via Sacra fica no alto, sobre os arcos da nave.

Nos corredores, próximo à entrada, existem altares, de construção original; o Crucificado, sobre um Gólgota de imitação, com Nossa Senhora, de amplíssimo manto branco, e São João, aos pés, com mesa fingindo rochedos e uma placa: "Jesus, Perdão!". Do outro lado, o Bom Jesus dos Passos, também vestido de pano, com um painel nos fundos e um local para a imagem do Senhor Morto, abaixo.

As extensões laterais, ou braços da cruz, constituem capelas; do Coração de Jesus, que fica em um retábulo de bordas rendadas, muito alto, cercada de anjos em relevo, sobre Sacrário de metal dourado e mesa de marmorite colorido. Aos lados desse altar lugares para efígies de São Luiz de Gonzaga e Nossa Senhora de Fátima (esta se encontrava próxima ao altar-mor, nestes dias de novena em sua honra). Na outra capela fica São José, com anjinhos ao seu redor e um painel em alto relevo abaixo, representando a sua morte; o Sacrário é de marmorite, com porta e parte superior de metal. Sob a mesa quadros no reboco: o Casamento, a Fuga para o Egito e a Oficina; também aqui se vêem duas imagens nos lados: de Santa Inês e de Santa Maria Gorete.

Sob o altar do Coração de Jesus também foram esculpidos painéis simbólicos; no fôrro vêem-se dois anjos adorando o ostensório - central - e o dístico "Ecce panis angelorum"; na capela de São José ficam, no teto, referências ao seu trabalho de carpinteiro: um machado e um esquadro, presos em um ramo de lírio, e os dizeres: "Sancte Joseph ora pro nobis", tudo contornado de anjinhos alados, salientes. Mesmo as paredes são decoradas com chapas repetidas, que lembram os padroeiros; também a forma das capelas não é, simplesmente, retangular, elas têm cinco lados para fora, além da face colada aos corredores.

Também o fôrro dos corredores é enfeitado; são altos relevos dedicados aos Corações, de Maria e de Jesus, um Cruzeiro com o Cordeiro e demais simbologia eucarística.

Dez nichos, no alto das paredes internas, contribuem para a decoração, contendo santos, alguns pouco conhecidos: Afonso, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Antônio de Pádua, Teresinha do Menino Jesus, Mônica, Vicente de Paulo, Rita de Cássia, Nossa Senhora dos Navegantes ... Até as aberturas das janelas foram usadas para embelezar a igreja, elas se alargam para o interior e seus umbrais contêm cabecinhas aladas, douradas ...

As paredes são pintadas a óleo, com chapas diversas aplicadas sobre fundo comum, de modelos variados, nos corredores, nas colunas, na

nave, na capela-mor; esta tem um grande círculo de anjos em torno do nicho envidraçado da Padroeira, colocado no alto da parede dos fundos, no centro de um pórtico coroado por lírios. À esquerda, a lâmpada do Santíssimo, grande e vistosa, deve ser uma de prata portuguesa, que já esteve na capela do Coração de Jesus, logo após a grande reforma.

O altar-mor, de mármore, tem mesa sobre colunetas, vários degraus, Sacrário no mesmo mármore, com porta de metal, superado por um tabernáculo com quatro colunas róseas e um zimbório. Dois anjos, cada um com uma só lâmpada, ficam sobre colunas, anexas. O altar voltado para o público é de madeira, muito singelo.

Existem dois arcos para cada lado da capela-mor; o fôrro é palco de uma cena, onde cabecinhas aladas fazem companhia a dois anjos, com uma faixa, onde está escrito "Regina sine labe originali concepta". As colunas quase não têm soco (na nave estes são mais aparentes), mas têm capitéis quadrados, com gregas e medalhões.

Rodeando a capela, e também separando as capelas laterais das passagens, conservam-se os gradis de marmorite multicor, junto aos quais os fiéis se ajoelhavam para receber a comunhão, no rito antigo.

Aos fundos do templo fica a sacristia, muito ampla, dividida em três partes no térreo e com um só grande salão, no pavimento superior: também a sacristia tem forma de hexágono irregular, com cinco faces para o exterior. Ali vi um móvel, da maior simplicidade na imensa maioria das igrejas que visitei: é uma base para o Círio Pascal, mas este é um verdadeiro monumento, como uma árvore frondosa e cheia de ramos, representados por figuras, imagens, símbolos esculpidos, altos relevos e arabescos; enfim, não sei como Dom José Tupinambá não o levou para o seu museu – é uma peça inesquecível ...

Deve-se, ainda, registrar, como componentes da estrutura física da igreja, os grandes confessionários, de madeira de lei, de três paredes, a posterior alta e decorada, com grades ovais laterais e genuflexórios, grande cadeira interna, de assento de palhinha e encosto de madeira; são três em cada corredor. Mesmo a cercadura que protege a parte inferior das paredes merece citação: é de bela apresentação, prateada, já tendo tido outras colorações, segundo cada área do templo ...

Tendo começado tão modestamente, o povo de Acaraú, com sua participação ao longo dos anos, e graças à dedicação e iniciativa dos seus pastores e benfeitores, logrou obter para sua cidade um monumento religioso, que, por sua amplitude e aparência, serve-lhe de justificado motivo de

orgulho, ficando os acarauenses de hoje com a grave responsabilidade de não deixar decair a beleza e originalidade da Matriz de Nossa Senhora da Conceição!

Maio/97

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Almofala

A peculiaridade da costa do Ceará representada por suas dunas movediças, que amedrontou os colonizadores portugueses, colhidos, também, como no caso de Pero Coelho de Souza, pelo fenômeno da seca, apresenta-se mais dramaticamente na história dessa capela, localizada, no princípio do século XVIII, na foz do Rio Aracati-mirim. Esse curso d'água, relativamente longo, pois nasce na Serra da Barriga, nos limites entre Santana do Acaraú e Forquilha, hoje até parece não ter saída no Atlântico, já que se perde nos areais, onde forma lagunas, conhecidas na região como lagamares. Embora os rios maiores consigam lançar suas águas no oceano, através de bocas sufocadas por barras naturais, todas as inúmeras lagoas litorâneas que temos resultam do

acúmulo das torrentes invernosas ao encontro das formações eólicas que são as dunas.

Embora hoje não se vejam os brancos areais que identificam estas, encontrando-se, apenas, bancos cobertos de vegetação rasteira, no fim do século passado uma duna avançou contra o pequeno povoado de Almofala, tomou-o de assalto, atulhou seus campos, invadiu casas, aglomerou-se junto às paredes da igreja, e terminou por cobri-la totalmente, escondendo-a da vista dos passantes, por cerca de cinquenta anos. Os moradores e os padres de Acaraú que a administravam, retiraram as imagens, os sinos, até as telhas, conservando-os em outro local, até que puderam retornar e recoloca-los!

Aquela região era habitada pelos índios tremembés, famosos como pescadores, capazes de pegar tubarões aos quais impossibilitavam de cerrar as perigosas mandíbulas, entalando-lhes um pau aguçado entre elas; o Barão de Studart, autoridade muito respeitada quanto à História do Ceará, disse que o Padre José Borges de Novaes (que veio a falecer em 2 de dezembro de 1721, sempre em sua Missão) chegou ao seu meio de 1702; entretanto, a data em que benzeu uma capelinha de taipa, para eles, teria sido 19 de outubro de 1712.

Posteriormente, o pequeno templo foi refeito com materiais mais resistentes, sabendo-se até quem foi o artífice encarregado das obras; José Lopes Barbalho, que fez a parte de alvenaria e coberta pelo preço de duzentos e sessenta mil réis, isso em 1758. Depois, esse mesmo profissional, contratado pelo Padre Elias Pinto de Azevedo, Cura da Ribeira do Acaraú, construiu o presbitério, o arco da capela-mor (que foi pago pelo Capitão Ignácio João e por Luiz Vieira), o cruzeiro e as portas travessas (por conta do Padre Agostinho), a porta principal e as janelas do côro (financiadas pelo Tenente Francisco Coelho de Carvalho e Capitão Ignácio João Coimbra).

Segundo o Barão de Studart (600 datas para a história do Ceará), em 21 de outubro de 1730, na admissão de dois irmãos, a Irmandade mantenedora da capela chamava-se de Nossa Senhora da Conceição do Aracatymirim; em 13 de outubro de 1763 autodenominava-se de Nossa Senhora da Conceição dos tramambés; daí em diante só Nossa Senhora da Conceição, mas em 24 de agosto de 1766, de Nossa Senhora da Conceição de Almofala.

De 1734 a 1744 quem assistiu à capela, à Irmandade e aos índios ali aldeados foi o Padre Agostinho de Castro Moura. Depois, no tempo da

administração do Capitão-Mor do Ceará Antônio Vitoriano Borges da Fonseca, em 1766, foi criada a freguesia, com o último nome acima citado.

Distribuídas as terras circunvizinhas em sesmarias e aumentando a povoação branca, reduziu-se a importância do pequeno agrupamento indígena, até que em 5 de setembro de 1832 um Decreto da Regência Trina, no poder durante a menoridade de Dom Pedro II, sancionando proposta originada no Ceará, mandou remover a sede da freguesia de Almofala para a povoação da Barra do Acaracu (nome utilizado na época); o ato foi assinado pelos Regentes Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho e João Bráulio Muniz e pelo Ministro Pedro de Araújo Lima, e foi transcrito no Livro de Tombo nº. 1, da paróquia de Acaraú, pelo vigário Pe. Antônio Xavier de Castro e Silva.

Este sacerdote foi vigário colado, por nomeação do Presidente (era o título do dirigente maior da Província) Manuel Felizardo de Souza e Melo, o mesmo que, depois, sancionou Lei anexando à freguesia de Sant'Ana a recém-criada Barra do Acaracu, passando o Padre Antônio Xavier para a nova sede, empossando-se em 1840. Nessa ocasião, a freguesia de Almofala foi novamente criada, mas foi extinta definitivamente, em 15 de dezembro de 1842, quando o Presidente José Joaquim Coelho fez retornar a sede para a Barra; Almofala tinha, então, um vigário colado, Padre Manuel Antônio de Lemos Braga, que ficou momentaneamente em disponibilidade, vindo a ser aproveitado em São Mateus (Jucás, atual).

Desde então, Almofala ficou sob os cuidados dos vigários de Acaraú, conhecendo-se, apenas, o nome de um capelão que lhe foi concedido, sempre segundo o que consta dos Livros de Tombo dessa paróquia: em 1846 esteve nessa função o Padre Luiz Monteiro dos Santos Araújo.

O Padre Antônio Xavier, ainda pároco, registou, em 01.12.1886: "Capela de Almofala, no seio de antiga e decadente povoação, patrimônio constituído em 14.08.1730, na presença do Pe. Elias Pinto de Azevedo" ... "já foi elegante e bem ornada, hoje se acha em ruínas - apenas possui duas posses de terra, sem designação de braças e 4 ou 5 cabeças de gado"...

Comprovando o quanto a utilização do Livros de Tombo foi incompreendida, neles não constam informações sobre a tragédia do soterramento da capela, mas a tradição diz que foi em 1898 que isso ocorreu, só voltando o vento a descobri-la, no transporte constante das areias, em 1934; nesse ano, em 16 de junho, o Padre Sabino de Lima Feijão dirigiu-se ao seu Bispo pedindo-lhe permissão para tratar da reconstrução, vindo a

obra a ser concluída em 24 de janeiro de 1943, quando o mesmo vigário benzeu-a, reabrindo-a para o culto público.

Consta que houve dificuldades para tornar a reunir as imagens e os sinos, que haviam sido levados para residências de particulares e para a capela de Tanque do Meio (Itarema).

Em 12 de janeiro de 1979, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, reconhecendo a antiguidade e autenticidade da capelinha, tombou-a, incorporando-a ao patrimônio da Nação. Entretanto, como não tomasse providências imediatas para sua recuperação, ela já se encontrava ameaçada de desmoronamento, quando o Lions Clube de Acaraú, presidido pelo Sr. Paulo Sérgio Gomes de Andrade, resolveu agir, em decisão tomada em reunião de 18 de agosto de 1982; eles levantaram a situação do prédio, tornaram o assunto do conhecimento público, ao convidar a reportagem do "Diário do Nordeste", a visitar a igreja, fazendo com que seu movimento em seu favor tivesse a maior repercussão.

O resultado foi que o SPHAN, tendo à frente o Dr. Domingos Cruz Linheiro, tratou de providenciar o indispensável, contratando a construtora Radier para executar as obras, começadas em 2 de fevereiro de 1983; os trabalhos foram conduzidos com a maior seriedade - foi necessário, por exemplo, adquirir telhas, mas exigiu-se que fosse utilizado o molde das antigas, o que foi conseguido porque um sócio do Lions era dono de uma olaria e aceitou a encomenda.

Em 17 de fevereiro de 1984, na presença do Secretário de Cultura do Ministério da Educação, Dr. Marcos Vilaça, do Governador do Lions, Dr. Miguel Ferreira de Azevedo, do representante do Governador do Estado, Deputado Orzete Ferreira Gomes, do Deputado Federal César Cals Neto, e de outras autoridades, a igrejinha foi reinaugurada, com benção dada pelo Bispo de Itapipoca, Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte. Depois, o Lions ofereceu um almoço a todos os presentes.

Hoje, a povoação pertence ao município e à paróquia de Itarema, e à Diocese de Itapipoca; o lugar cresceu, como todos os aglomerados urbanos do Brasil, tem longa rua calçamentada e uma pracinha na frente da igreja, mas, por um motivo ou por outro, a comunidade não tem dado a esta a conservação que merece sua ancianidade - já está precisando de reparos e todos só pensam na possibilidade de vir o Governo (como um Deus ex machina) a atacá-los e a ofertar ao povo esse melhoramento.

A igreja tem aparência que justifica a atenção que lhe foi concedida, diferentemente das capelas de Siupé e Itans, que visitei antes e que se

podem dizer abandonadas; a fachada reflete as três partes sucessivamente feitas: o corpo da igreja e os corredores. À direita de quem olha fica uma porta, com colunas de um lado e outro; a do extremo conclui-se a quatro metros do solo, com um pináculo de espessura variada; a da ligação com o centro - que tem correspondente no lado esquerdo - sobe mais além, e o pináculo é mais robusto; sobre a porta volutas conduzem à uma redução da largura dessa frontaria, e a uma pseuda-janela, onde está esculpido um sino de alvenaria, sendo essa janela colocada dentro de uma estrutura imitando um santuário.

Esse mesmo desenho, porta, pináculos e janela - dessa vez realmente aberta e com um sino pequeno, de bronze, coberto de pátina - dentro do seu santuário, repete-se à esquerda, mas se prolonga para o alto, na torre, que tem um primeiro pavimento superior terminando por pronunciada cornija; sobre esta, altos pináculos imitando minaretes, aos cantos, cujas arestas foram cortadas, tornando a torre octogonal; depois, nova cornija e grande redução na grossura da torre, que aí tem aberturas ovaladas para os quatro lados; acima, novas cornijas e redução, até o fôrro e o pináculo final, mais ou menos ao modelo dos anteriores.

A porta principal é retangular, a parte superior com uma bandeira fixa, que protege parte do côro; há uma moldura, em parte pintada na cor do cimento, com um beiral reto superando-a. Mais alto, no centro do frontespício, um óculo quadrilobado, sobre a porta e duas janelas simples, aos lados, servindo ao côro; lá mais acima está uma imagem de Nossa Senhora, num nicho, imagem pequena, branca, como toda a fachada, que aqui se eleva em triângulo, limitado por várias volutas, até um cruzeiro, dominante.

O corredor da esquerda tem três janelas para fora e uma porta nos fundos; o da direita quatro janelas; não há aberturas atrás.

O telhado, em vários níveis, é de beira e bica, com beirais ondulados; na frente, à direita, há um grande Crucifixo, no adro, a doze metros da fachada; o adro é calçamentado, no mesmo sistema da rua.

Ao entrar-se, encontra-se à esquerda, em um cubículo realmente minúsculo, a pia batismal, de cimento, quando se está sob o côro, construído de madeira, com balaustres dando para a nave. A escada para ele fica no corredor da esquerda, sem ter traços de acabamento original; este corredor começa sob a torre e pára na altura do arco-mor; logo no seu início vê-se uma placa comemorativa da reforma patrocinada pelo Lions e, em seguida, encontra-se o indício da anterior existência de um púlpito que

não foi reconstruído: é uma abertura, como uma janela, dando para a nave, por onde os pregadores entravam.

O corredor da direita vai até o lado da capela-mor, com quem se comunica por uma porta, sem apresentar qualquer curiosidade ou construção nesse percurso. Os corredores só têm duas portas para os lados da nave, abertas nas paredes de 60 centímetros de espessura. Nave e passagens não são forradas, o madeiramento é novo, assim como o piso, de lajes de tijolões.

A capela-mor deve ter sido a área da primitiva capela dos índios: quatro metros por oito, incluindo-se as paredes; hoje forrada de madeira. O altar-mor é uma estrutura de alvenaria, junto à parede dos fundos: um nicho profundo (que dá para aberturas laterais, sem utilidade), onde fica a Padroeira, acima de uma série de degraus; aos lados, bem avançadas em relação à outra, imagens de Nossa Senhora do Rosário e de São José, todas precisando de pintura. São imagens de madeira, de roupagens volumosas e flutuantes, de colorido original forte que caracteriza as esculturas coloniais; São José é representado de botas e amplo manto, e os anjos aos pés de N. S. do Rosário são gorduchos e de rostinhos ingênuos. Os nichos são de forma arqueada, com molduras e frontões simples, em alto relevo.

A base do altar é uma mesa, sem tampo destacado, e o Sacrário, colocado sobre ela, foi feito há pouco, como uma caixa de madeira barata, envernizada, sem beleza. Três degraus, do meio da capela para a frente, parecem fazer parte da construção original. O altar frente para o público é uma mesa de madeira, posta sob o arco.

Uma nave, de 5,50 por 12,50 metros, é, evidentemente, obra posterior à capela, com paredes nuas e um arco para esta, ladeado de dois nichos menores, com efígies de São Francisco e São Sebastião.

A sequência de acréscimo à capela original está, assim, indicada: primeiro este corpo da igreja, depois os corredores, por último a fachada e a torre, sem que, em qualquer ocasião, se tratasse de sacristia.

Maio/97

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Itarema

A Padroeira deste lugar, anteriormente chamado de Tanque do Meio, era Nossa Senhora dos Navegantes, denunciando a sua origem como povoação de pescadores, surgida no âmbito da paróquia de Acaraú, na estrada ligando a Matriz à antiga capela de Almofala.

A primeira referência a um templo aqui foi feita pelo Padre Antônio Xavier de Castro e Silva, em 1°. de dezembro de 1886, numa avaliação inserta no Livro de Tombo, que dizia tratar-se de simples nicho.

Depois, novo vigário de Acaraú, o Padre Antônio Tomaz resumiu seu histórico, dizendo: o nicho já existia em 1870, passando a ser substituído a partir de 1907, quando foi começada uma capelinha, um pouco maior, vizinha ao local antigo, que aquele pároco, patrocinador da sua

construção, benzeu em 27 de novembro de 1909, confirmando a denominação de Nossa Senhora dos Navegantes, do Tanque do Meio.

Nicodemos Araújo, autoridade e estudioso do passado do baixo Vale do Acaraú, atesta que em 1905 só haviam duas casinhas no lugar, pertencentes a José Manuel de Barros Barreto.

Depois, o Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, encontrando-se em visita pastoral à freguesia, foi até Tanque do Meio, em 13 de junho de 1930, acompanhado pelo vigário Padre Sabino de Lima Feijão, o qual, depois, em 16 de junho de 1934, dirigiu-se ao mesmo Diocesano, solicitando licença para reconstruir a capela, naturalmente muito deteriorada e, talvez, objeto de críticas da autoridade episcopal.

Não há notícia de quando a reforma foi concluída, mas o Padre Sabino registrou que na data de 21 de janeiro de 1937 benzeu o cemitério de Nossa Senhora dos Navegantes.

Não encontrei outras informações sobre a igreja, submetida, evidentemente, com o passar dos anos e o crescimento da vila, à grandes reformas e notáveis acréscimos, especialmente após a fundação da paróquia, procedida em 2 de janeiro de 1954, por Dom José Tupinambá, reunindo partes de Bela Cruz e Acaraú, para ser, posteriormente, integrada à Diocese de Itapipoca, quando esta foi criada, em 1971.

Sei que o Padre Aristides Andrade Sales, primeiro vigário, empossado em 6 de janeiro do mesmo ano acima citado, passou ali quarenta anos, sendo o responsável por muitos melhoramentos, quer na Matriz como na cidade. Hoje, o pároco é o Padre Ademar Aguiar Costa, redentorista, que assumiu em dezembro de 1996.

Em novembro de 1953 houve a visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima (que esteve no mesmo mês em Acaraú, conforme o Livro de Tombo desta igreja específica), sendo essa, naturalmente, a ocasião em que se efetuou a substituição da Padroeira, acontecimento pouco comum.

A igreja tem forma de cruz latina, com as seguintes dimensões: dez metros de largura por trinta e dois de comprimento, mais quadros de seis metros de lado como expansões laterais; não tem fôrro e o piso é de mosaicos.

O altar fica além do transepto, constituindo-se em capela semi-circular, estreita, com pavimento um pouco mais elevado, em cerâmica branca, com o altar voltado para os fiéis à frente, de cimento, caiado. O altar aos fundos é pequeno, de alvenaria, com um Sacrário grande, metálico, mal conservado, e um pequeno tabernáculo - chamo assim um espaço

com colunas e coberta, como uma tenda, destinado à exposição do Santíssimo - também de metal, acima. No alto, em pedestal fixado na parede, a imagem de Nossa Senhora de Fátima; não existem outros altares.

A lâmpada do Santíssimo é um simples bulbo incandescente, pendurado por um fio, na parede lateral.

Em torno do altar formam-se três arcadas, que comunicam os diversos segmentos da cruz, nave e braços, com a capela; nas paredes encontram-se várias imagens, algumas pequeninas: Nossa Senhora da Rosa Mística, a Imaculada Conceição, São Francisco, Santo Antônio, São José e o Coração de Jesus (estes dois a um e outro lado da capela-mor), Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, São Sebastião, Menino Jesus de Praga e São Judas Tadeu.

Aos fundos a sacristia, que avança dos dois lados, abraçando a capela-mor.

A entrada tem uma porta principal, alta, em arco, seguindo-se à ela duas saletas, uma das quais servia de batistério, ao qual foi tirada a pia e deixado o pedestal, quebrado; as paredes dessas divisórias, espessas, parecem prever a futura elevação de torres ou, menos provável, a construção do tradicional côro.

Na fachada, acima da porta, como janela, uma grande cruz, cerrada por elementos pré-moldados e, acima dela, uma abertura quadrada, com o sino, com corda pendente. Ainda existem, na frente, duas janelas, também fechadas por combogós, como todas as demais em torno do templo. Essas aberturas configuram como que janelões, bem elevados, com o centro vedado por alvenaria, de alto a baixo, restando em cada duas longas frestas, onde foram colocados os combogós.

Há um pequeno cruzeiro, de ferro, no cimo da empena, que desce para os lados, com pinhas nas extremidades das colunas externas e entre porta e janelas.

Toda a igreja é cercada por muro baixo, com portões em todas as direções, sendo o espaço da frente mais dilatado; nessa parte, junto ao muro, sobre uma coluna de três metros, foi posta uma estátua do Coração do Jesus, que olha para a praça fronteira.

Nas faces laterais encontram-se mais quatro conjuntos desses janelões e frestas, com uma porta do centro. Nos braços da cruz outros quatro conjuntos, fronteiros dois a dois, e uma porta, com janelas simples ladeando-a, nos extremos, em cujo alto vê-se outro cruzeiro.

Por último, na haste superior da cruz latina, em correspondência à sacristia, ficam três conjuntos de janelões e frestas, em cada lance exposto. Aqui, o cruzeiro do alto já não existe, tendo caído.

Verifiquei que um sino, maior que o suspenso na fachada, está depositado na sacristia, muito atacado pela pátina, que já dificulta a leitura dos dizeres: "Rainha de Fátima, orai por nós. 13.10.1956. Fundição Artística Paulistana, de ..." Consta que este vivia em uma coluna (resquício da capela do Padre Sabino?), antes existentes aos fundos da igreja, demolida há algum tempo; também tive notícias de que tanto as imagens antigas de Almofala como alguns sinos dessa capela histórica teriam sidos trazidos para Itarema, de onde voltaram, com dificuldade, as imagens e um sino ...

Maio/97

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Cruz

Situada muito próximo de Acaraú, na área em que a devoção à Nossa Senhora da Conceição, protetora de Portugal e das suas colônias, foi transmitida da antiga vila dos Tremembés, de Almofala, à cidade que foi sede da paróquia subordinante e à Bela Cruz, também de origens remotas, esta comunidade deve ter sido influenciada pelos frades missionários que percorriam todo o nosso interior, e entregou-se ao Poverello, inclusive tratando-o na relação com sua cidade natal e não pelos estigmas que lhe foram transmitidos na aparição que teve no Monte Alverne.

O instituidor da primitiva capela era um Francisco, Bernardino de Albuquerque, que se dirigiu ao vigário da Barra do Acaracu (como foi chamada a sede da paróquia, inicialmente), Padre Antônio Xavier de Cas-

tro e Silva, para tratar do assunto; este, cumprindo o preceito legal da época, em 13 de maio de 1884, requereu a Dom Joaquim José Vieira, segundo Bispo do Ceará, autorização para benzer a capela, conforme consta do 1º. Livro do Tombo, que analisei na Casa Paroquial de Acaraú.

O historiador Nicodemos Araújo, autoridade no assunto, que pesquisou longamente, diz que Francisco Bernardino de Albuquerque doou 55 braças de terra, com fundos de 155 braças para a capela, conforme escritura registrada no Cartório de Acaraú em 26 de dezembro de 1885. Também informa que a capela foi edificada em 1884 e benta em 20 de dezembro desse ano, pelo Padre Vicente Gifoni Patrício (no Livro de Tombo está dito, vigário Pe. Vicente Monteiro), após licença de Dom Joaquim, concedida por provisão de 9 de maio do mesmo.

A imagem do Padroeiro fôra encomendada pelo Pe. Antônio Xavier, em 1883, e veio de Portugal, tendo sido benta em 19 de outubro de 1884, na Matriz de Acaraú, de onde foi transportada processionalmente, em andor, no dia imediato, para seu templo; foram padrinhos do ato: Leocádio da Costa Araújo, Major Francisco Teófilo Ferreira, João Augusto de Castro Moura, Joaquim Martins dos Santos Filho e Capitão Paulo José Rodrigues.

A capela ficou como filial da Matriz de Acaraú, cujos vigários davam assistência religiosa à sua comunidade e tratavam da conservação e melhoramento. Além dos donativos habituais dos seus frequentadores, o padroeiro recebeu terras, tanto as doadas pelo instituidor, em 1884, como outras partes do mesmo Francisco Bernardino de Albuquerque, em 1900 e do Capitão Antônio Raimundo de Araújo, em 1920, assim como 50 braças dadas por Luiz José de Farias e Antônio Rafael de Vasconcelos; mais tarde, D. Francisca Romana de Albuquerque doou uma casa, que, reformada, veio a ser a Casa Paroquial, e Miguel Albano da Silveira, em 27 de dezembro de 1969 ofertou meio hectare na área central da cidade.

Além disso, a capela era dona de gado, provindo de Albino José Silveira e muitos outros, registrando-se até, conforme o Livro do Tombo, que em 20 de junho de 1912 o fabriqueiro (administrador do patrimônio), Inácio Ribeiro Pessoa Filho, precisou de autorização para construir uma casa e uma aguada no terreno de São Francisco, pois que os filhos do antigo encarregado já não permitiam que fossem utilizadas as suas.

Em 16 de junho de 1934, o vigário de Acaraú, depois Monsenhor Sabino de Lima Feijão, dirigiu-se ao Bispo, dessa vez o de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, solicitando permissão para reconstruir a capela,

obra de grande porte, onde foram despendidos cerca de cinquenta contos de réis, e para qual contou com a participação ativa de Urbano José da Silveira, Raimundo Araújo e vários outros cidadãos proeminentes de Cruz.

O mesmo Padre Sabino foi quem benzeu o novo templo, inteiramente renovado, em 25 de setembro de 1938. Nicodemos acrescenta que o gado de São Francisco foi consumido por ocasião desses trabalhos ...

Em certa época, várias lideranças de Cruz passaram a desejar a criação, ali, de uma paróquia independente, e a isso não se pôs o Pe. Sabino, que atribui ao então menorista José Édson Magalhães certos encargos, como se o encaminhasse para ser o futuro vigário da nova entidade.

A freguesia surgiu em 17 de março de 1958, tendo sido designado primeiro vigário, o recém-ordenado Padre Édson, que tomou posse a 5 de abril. Este não só deu integral conservação à nova Matriz, como iniciou o Salão Paroquial e fez a capela da Gijoca, então abrangida dentro dos limites desta paróquia.

Em 12 de setembro de 1965 assumiu o paroquiato o Padre Manuel Valdery Rocha, que concluiu a Casa Paroquial e fez várias capelas, e a Casa Paroquial de Gijoca; foi ele quem trouxe as Irmãs Missionárias do Coração de Jesus para dirigir a Escola Fundamental São Francisco, que construíra e que passou a funcionar em 9 de abril de 1972.

Posteriormente, a Matriz recebeu acréscimo, em nova reforma, com a construção da torre, havendo, a inauguração do quadro de São Francisco, afixado na parte posterior da igreja, ofertado em 4 de outubro de 1992, pela colônia cruzense residente em São Paulo.

Hoje, a Matriz tem altar-mor pintado em cor que lembra o marfim, em estrutura de alvenaria, com realces dourados; sobre o primeiro degrau fica o Sacrário, de metal, em parte colocado dentro de um nicho; então, a parede sobe, com decorações, até um pórtico, central, com colunas singelas e seus capitéis, um arco e um frontão, enquadrando a imagem do Padroeiro. Aos lados deste ficam dois santuários, evidentemente de madeira, possivelmente acrescentados em data posterior à construção original; são colunas quadradas, suportando arcos nos quatro lados, e contendo as efígies de Nossa Senhora de Fátima e de São Sebastião.

A lâmpada do Santíssimo fica à esquerda, junto à uma passagem em arco que dá para a sacristia, idêntica à existente do outro lado.

Entre essas portas e o altar, existem, ainda, suportes com as imagens do Sagrado Coração de Jesus e de São Francisco (outra). O piso des-

sa área foi revestido de mármore branco, e o altar voltado para o público é de madeira, coberto de fórmica.

Existem dois arcos, largos, de cada lado, dando para as passagens laterais; para a nave há um grande arco, que deixava paredes aos seus lados, prejudicando a visão do altar, motivo pelo qual abriram-se ali duas janelas, sem que a dificuldade fosse removida inteiramente.

Os segundos arcos dando para os corredores são fronteiros a dois outros altares, que o Padre Valdery reformou, de forma a ocuparem menos as passagens; o do Coração de Jesus e o de Nossa Senhora Aparecida, iguais, com pinturas do mesmo creme imitando marfim, como o principal, muito altos, quase alcançando o teto, com três santuários, cada, o maior, no centro, de colunas cilíndricas e frontões com altos pináculos, e de colunas quadradas, finas, com a mesma cobertura e acabamento, nos lados, nenhum, porém, parecido com os principais, a não ser na coloração. Aos lados do Coração de Jesus ficam Santa Filomena e Santo Antônio, e junto à Virgem Aparecida encontram-se São José e São João Bosco. As mesas e elevação do piso foram retiradas, na reforma referida.

Nos extremos posteriores dos corredores foram colocados divisórias, reservando-se para a secretaria e colocação de armários, em complementação à sacristia, que é pequena, atrás do altar-mor.

A largura total da igreja é de cerca de 18 metros, enquanto o comprimento é de 32; embora grande parte fosse destinada à capela-mor, metade desta é ocupada por bancadas para os fiéis. De cada lado da nave ficam arcos, havendo à entrada os dois compartimentos costumeiros, para batistério e escada, ficando acima o côro, com parapeito de alvenaria, sobre duas colunas redondas. A pia batismal continua no seu lugar tradicional.

O fôrro da capela-mor é de madeira, mas os laterais são de concreto, construídos já na época do Padre Valdery (não o encontrei em Cruz, pois passa mais tempo em Sobral, só ficando em sua sede nos fins de semana).

Na parte externa vê-se, na frente, três portas na parte central e outras duas só desenhadas em correspondência aos corredores; três janelas, acima, das quais a da direita de quem chega ainda serve de campanário, com o sino pendendo na parte de fora, e mais duas janelas menores nos lados. Uma linha de cornijas é coroada por baixa platibanda, à esquerda, enquanto há um frontão triangular concluído por um cruzeiro, no centro, e a torre se levanta, à direita.

A torre tem faces iguais nos quatro lados, começa quadrada, com uma janela redonda, de vidros coloridos, depois uma figura de cruz, ladeada por seis aberturas e tendo no cruzamento outro óculo; acima forma-se estrutura octogonal, bem reduzida, com duas frestas de vidros irisados em cada sentido, e terminando por uma pirâmide, com cruzeiro de ferro.

As fachadas laterais têm quatro portas, tal como na frente, de arcos redondos fechados por vidros de cor; em correspondência aos altares internos eleva-se uma frontaria, com duas aberturas altas e longas, um óculo pequeno e uma elevação triédrica, acima do teto, com três pináculos, cada um com uma lâmpada no extremo.

Os fundos têm duas portas e duas janelas; há um medalhão de azulejos na parede, ao centro, de dois metros de diâmetro, representando São Francisco no sermão aos pássaros, tendo sido fabricado em São Paulo. Esta parte central é mais elevada, mas termina em linha horizontal, com dois pináculos iguais aos referidos anteriormente; os lados concluem-se, também, paralelos ao solo, com outros pináculos nos ângulos. Estes ornatos merecem descrição: quadrados, com cruzes em alto relevo, depois oitavados com pequenas aberturas ogivais desenhadas e pirâmide superior, são cópias minúsculas da torre, exceto quanto à esfera final, que a torre não tem.

Maio/97

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Bela Cruz

Esta cidade teve a felicidade de contar com um filho dedicado ao estudo da história e ao mister das letras, que, ao longo de uma vida anosa e produtiva, deu à luz numerosos livros com valiosas informações sobre o passado, tanto de Bela Cruz, como de Acaraú - onde reside, de Cruz, Almofala e Jericoacoara. É o Sr. Nicodemos Araújo, antigo representante do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, autodidata, hoje com mais de noventa anos e bem lúcido e ativo.

Encontrei dados históricos sobre sua cidade com o Padre Sadoc, com Leonardo Mota e outros autores e nos livros de Tombo da paróquia de Acaraú, conferindo-os e complementando-os com o

contido nos livros "Município de Bela Cruz" e "Cronologia de Bela Cruz", da lavra desse notável pesquisador e escritor.

A região, como todo o Ceará, foi divididas em sesmarias, sendo agraciados com as margens do baixo Acaracú (como era grafado) um grupo de portugueses encabeçado por Manuel de Goes, mas eles não chegaram à colonização, pelo que as mesmas terras foram requeridas, posteriormente, em parte, por Nicolau da Costa Peixoto e sua mulher, Paula de Sá, filha do Coronel Sebastião de Sá, potentado que, depois, se envolveu em tumulto e foi preso e enviado para à Bahia, onde morreu, numa das raras vezes em que se viu a ação da justiça do tempo.

Este casal teve uma área de duas léguas ao longo do rio, por uma de largura; nas proximidades estabeleceu-se Domingos Aguiar de Oliveira, cuja sesmaria foi de 19 de agosto de 1726. Os dois fazendeiros foram os instituidores do patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, ao que destinaram meia légua de terra, quarenta vacas e seis éguas, em escritura de 12 de setembro de 1732.

Nicodemos diz que a construção da respectiva capela começara em 1730, e estava pronta em 1732; em 1733 um missionário, Frei João de Maria, benzeu-a e propôs mudar o nome do lugar para Santa Cruz, deixando o de Alto da Genoveva, devido a uma mulher parda que ali habitava. Consta que o célebre Frei Vital da Penha demorou-se ali, em 1798, quando a capela antiga, que ficava no alto de um cômoro (hoje assinalado por pequeno monumento) foi demolida e reconstruída em nove meses, no local atual. Dessa época é uma imagem da Padroeira, vinda da França ...

Em 30 de dezembro de 1849, o Padre Antônio Xavier de Maria Castro, vigário de Acaraú, tendo-se concluído obras de reforma e ampliação da capela, benzeu-a, enquanto em 1872 foi o Padre Ibiapina, missionário que ergueu capelas e cemitérios por todo o Ceará, quem comandou a realização de outros serviços e a inauguração de um campo santo.

O Padre Francisco Theótime de Vasconcelos, trabalhando como coadjutor de Sant'Ana e encarregado provisório desta área, conseguiu, em 1894, dizem que no prazo de dois meses, executar grande reforma, inclusive com a implantação de um cruzeiro, de aroeira, no adro. O Padre Antônio Tomaz, o nosso "Príncipe dos Poetas", na sua administração da freguesia de Acaraú, contando com a colaboração vontadosa do fabriqueiro da capela, Manuel Duca da Silveira, empreendeu grandes alterações; retirada do telhado, demolição de paredes, etc; uma comissão encarregou-se de reunir recursos: Emílio Fonteles da Silveira, Francisco das Chagas Ma-

ranhão, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, José Lopes da Silveira e Manuel Damião da Silveira; a supervisão foi do Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos; esses trabalhos foram atacados em 1923.

A denominação oficial foi mudada para Bela Cruz em 2 de março de 1938, pela lei nº. 311, e a paróquia foi criada em 29 de dezembro de 1941, por Dom José Tupinambá da Frota, que a desmembrou de Acaraú. Depois, a 31 do mesmo mês, o Padre Odécio Loiola Sampaio foi nomeado vigário, vindo a tomar posse em 11 de janeiro de 1942, em solenidade presidida pelo Bispo, com a presença do Padre Sabino de Lima (de Acaraú), do Padre Francisco Apoliano (de Marco) e do Padre Gonçalo Eufrázio.

Tendo o exemplo da Matriz da antiga subordinante à vista, o Padre Odécio, em junho de 1945 contratou o mesmo arquiteto que fizera aquela, o italiano Agostinho Odísio Balmes, para realizar uma reforma total, que veio a ser inaugurada em 21 de setembro de 1948, quando o Bispo de Sobral, impossibilitado de comparecer, fez-se representar pelo Monsenhor Olavo Passos, tendo havido a participação de numerosos sacerdotes, vigários da vizinhança e membros do clero sobralense.

A Virgem Peregrina de Fátima visitou cidade e sua Matriz em 5 de novembro de 1953; para comemorar essa passagem, o Padre Odécio mandou erguer um monumento na Rua Humaitá, com uma imagem semelhante, obra dos artistas nativos João Venceslau de Araújo e Djalma Lopes de Carvalho; é um arco triunfal, inaugurado em 1°. de janeiro de 1957.

A Matriz ainda teve acréscimo, ao lhe serem construídas as extensões laterais, ou braços, incorporadas em solenidade de 5 de dezembro de 1967, com o que ficou com 750 metros quadrados de área coberta.

A dedicação e capacidade do vigário de Bela Cruz teve o reconhecimento formal de Santa Sé em 2 de agosto 1972, quando lhe foi concedido o título de Monsenhor (ele fôra o responsável pela instalação do Instituto Imaculada Conceição, em 27 de fevereiro de 1947, entregue à direção de Cecy Regina Holanda, assim como pelo Patronato Nossa Senhora da Conceição, aberto oficialmente em 14 de fevereiro de 1960).

Em 1988 foi a vez da Creche construída pela Fundação Maria Inácia Loiola, começada em 1985 pelo Monsenhor Odécio.

Em 1989 o Padre Manuel Rômulo Rocha foi designado como cooperador da paróquia, e depois, quando o Monsenhor Odécio completou seus 80 anos de idade, assumiu como novo vigário, em 25 de fevereiro de 1996, e é hoje o responsável pela atual igreja.

E é uma magnífica igreja, pintada interiormente de verde, com a capela-mor da mesma largura da nave principal e tendo a torre saliente na fachada e aberta na parte inferior formando um pórtico; na entrada estão os compartimentos tradicionais e o côro, acima, com parapeito de marmorite, com colunelas e corrimão do mesmo material.

Seis altas colunas cilíndricas, com socos quadrados e capitéis com parreiras e lírios, sustêm os arcos, acima dos quais se desenvolvem o fôrro dos corredores e, mais acima, após uma linha de lanternins (fechados por vidros inteiros, batidos, de cor), o da nave, que se eleva a mais de dez metros do piso.

Permanecem os gradís de marmorite multicor, que separavam, conforme o costume antigo, o espaço dos homens do das mulheres - isso na altura das quartas colunas. Uma balaustrada idêntica circunda a capela-mor - era a antiga mesa de comunhão.

Junto à quinta coluna da esquerda de quem entra na igreja fica um acessório essencial nos templos de antanho e hoje em desuso - um púlpito, nesse caso construído de marmorite, com acabamento artístico, em forma de taça, com um pedestal cilíndrico e o corpo plano do lado da coluna e cinco faces para o público, com símbolos referentes às Epístolas nessas faces; a portinha de madeira vive fechada e a indispensável escadinha de acesso desapareceu. Acerca da grande utilização de marmorite, nesta e noutras igrejas das proximidades, assim como muitas do Ceará inteiro, convém lembrar que o construtor Odísio foi um dos introdutores desse material, com uma fábrica em Fortaleza, ali pelo Jacarecanga, que, pelo que se pode supor, passou ao seu sucessor Pedro Odísio.

No alinhamento das quintas colunas abrem-se as extensões laterais, que dão à igreja a forma de cruz latina; são muito amplas, comportando três ordens de bancadas e com doze metros de profundidade e nove de largura. Nos ângulos aí formados, encontram-se imagens, em suportes de simples placas de cimento: Santa Teresinha, Santa Inês, São João Batista e São Luiz de Gonzaga.

No fim do corredor da esquerda (essas passagens têm 3,50 metros de largura) encontra-se um altar dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, com mesa e construção geral de marmorite; dois degraus vermelhos acima do pavimento geral; dois degraus verdes para flores e velas; o simulacro, de um Sacrário, com um lírio, uma arcada e mais pequena elevação, estes na cor beje. Sobre tudo, a imagem, de cerca de 70 centímetros. O altar

correspondente, à direita, é de São José; neste espaço, nas paredes laterais, encontram-se São Sebastião e São Francisco.

O altar-mor fica um pouco além do transepto, reduzindo a área da sacristia, nos fundos, que, todavia, não é pequena. Primeiro sobem-se dois degraus, para a balaustrada já citada, depois outros dois para o pé do altar propriamente dito, à frente do qual fica o altar versum populus, de madeira e fórmica. As colunas que se continuam no arco-mor são mais elevadas, formando um feixe; após elas há um último arco, da capela para os braços da cruz, depois uma parede que fica ao lado dos altares secundários, onde se abrem passagens, em arco estreito e baixo. Junto à que fica à direita do altar encontra-se lâmpada do Santíssimo, pequena, brilhante, dourada, como o suporte do Círio Pascal.

O altar tem um desenho original; há uma parede de alvenaria (ocultando porta quadrada que dá para a sacristia) junto à qual se apoiam a estrutura e os revestimentos de marmorite, de cores variegadas: mesa com painéis em alto relevo na parte inferior - detalhes da Última Ceia e emblemas da Eucaristia - e, acima, uma figura circular, com frisos nas cores do arco-íris, tendo, inscrita, uma cruz, cuja parte de baixo é o Sacrário, com um nicho acima, onde está exposto um Crucifixo, sendo esses componentes bem salientes no desenho da cruz; nos braços desta, cenas do pelicano alimentando filhotes e o Pão sendo conduzido sobre as águas; ainda na figura da cruz, no alto, um cruzeiro, tudo isso, repito, realizado em marmorite. Além do círculo fica um Crucificado, estranhamente delgado, inclusive o Madeiro. A Padroeira está no alto, em nicho cavado na parede, rodeado de nuvens e de anjos, dois destes segurando uma faixa com os dizeres da Ladainha: "Regina sine labe originali concepta", aos lados dois lírios e seu monograma no topo, bem perto do teto, que também é decorado, com a frase do Anjo: "Ave gratia plena, dominus tecum", e cabecinhas aladas.

A igreja fica no centro de uma praça ajardinada, com árvores umbrosas; a torre, quadrada, terminando em ápice agudo, com uma imagem da Padroeira, de bela aparência, no cimo, tem longas frestas nos seus lados, preenchidas por pré-moldados, que conduzem a vista insensivelmente para o alto, onde encontra o relógio, de quatro faces e ainda de voz forte. Um pouco abaixo deste ficam os sinos, em aberturas quadradas. A torre tem 35 metros de altura e a imagem 3 metros, tendo sido feita pelo mesmo Agostinho Odísio.

No alinhamento dos corredores existem janelas na frente, concluindo-se a frontaria aos lados da torre por pináculos quadrados, sucessivamente mais altos, desde a esquina até próximo à esta.

As fachadas laterais têm três pares de janelões, como os da frente, longos e estreitos, em arco redondo, alternando com duas portas, de desenho igual ao da principal, embora menos largas: folha de madeira e bandeira semi-circular. Nos braços abrem-se quatro, não aos pares - e nos extremos outros dois, com porta ao centro.

A parte superior da cruz latina tem desenho irregular, com um corpo central, continuação da capela-mor, de telhado tão alto como o desta, com três janelões no andar superior e três menores no térreo; às suas ilhargas foram construídos dois compartimentos, para a secretaria e para instalações de som e outras, cada qual com uma porta e duas janelas.

Nos fundos, assim como nos extremos das expansões laterais há modestos frontões, com um cruzeiro no alto; as aberturas, pares ou janelões isolados, e portas, são separadas por colunas encravadas nas paredes, que terminam por pequenos marcos quadrados, com uma esfera sobre cada um.

Sobre as portas estão abertos óculos envidraçados. No patamar há um marco erguido em 1991, lembrando os 50 anos de sacerdócio de Monsenhor Odécio!

Maio/97

SANTA LUZIA

Gijoca, Jericoacoara

Destacando-se da costa relativamente retilínea do Ceará, ericoacoara foi um dos pontos do litoral do Brasil que primeiro recebeu a isita dos brancos: já em fevereiro de 1500, antes que Pedro Álvares Cabral portasse em Porto Seguro, o espanhol Vicente Yanez Pinzon ali ancorou; epois, quando os portugueses avançaram no rumo do Amazonas e ombatiam os franceses instalados no Maranhão, Jerônimo de Albuquerque, ue partira de Recife a 1°. de junho de 1613, fundou ali o Forte do Rosário, nde 40 homens ficaram por um longo tempo, sem provisões nem antimentos, até que nova expedição os socorresse.

Também na época das sesmarias aquele território foi devidamente istribuído e, quando a freguesia de Nossa Senhora da Conceição foi trazida e Almofala para a Barra do Acaracú, em 5 setembro de 1832, tendo ecebido jurisdição sobre quinze léguas para oeste, alcançou e cobriu aquela egião de nossas praias.

Por outra parte, esta integra a nesga do Ceará que não faz parte do polígono das secas, tendo um regime de chuvas mais regular e abundante, o que se comprova pela mais vigorosa cobertura florestal; mas seus rios, como todos os da nossa costa, prejudicados pelo pouco vigor da sua correnteza e pelo movimento constante das dunas, têm, continuamente, seus estuários obstruídos por barras de areias, vindo a formar grandes lagoas, à exemplo da de Gijoca e outras, próximas.

Entretanto, desenvolvendo-se a colonização, a partir do médio Acaraú e da sua margem direita, sua ocupação foi dificultada pela multiplicação dos braços deste rio e das áreas inundáveis criadas no seu baixo curso. Tanto isso é verdade que, em 1955, o mapa editado pelo Instituto do Nordeste, presidido por J. Colombo de Souza, mapa organizado sob a direção técnica de Cêurio de Oliveira, cartógrafo do Conselho Nacional de Geografia, só apontava povoações mínimas e estradinhas vicinais por toda aquela extensão, hoje disputada pelos turistas e, principalmente, pelos hoteleiros e defensores da conservação ambiental.

Quanto às igrejas, verifiquei que vem de 1880 a história de uma capela de São Francisco de Assis, na Caiçara, construída sob a orientação de Antônio Pereira Brandão, que lhe doou 100 braças de terra, capela que veio a ser reformada a partir de 1914, por Manuel Pereira da Silva, com benção em 18 de outubro de 1923, pelo Padre Antônio Tomaz, que fez estes registros no Livro do Tombo da paróquia de Acaraú. Depois, em 20 de junho de 1938, o Padre Sabino de Lima Feijão, sucessor daquele, pediu autorização ao seu Bispo para construir um pequeno templo, dedicado a São José, no próprio lugar Jericoacoara.

Relativamente à Gijoca, a primeira referência que encontrei foi a de que, em 21 de janeiro de 1937, o mesmo Padre Sabino, depois Monsenhor, dirigiu-se a Dom José Tupinambá da Frota, para que lhe permitisse construir um cemitério ali - o que supõe a existência de uma capela.

Todavia, segundo Nicodemos Araújo, historiador nascido em Bela Cruz que reuniu vasto acervo e escreveu vários livros sobre as cidades do Vale, foi o Padre (hoje Monsenhor) José Édson Magalhães, vigário de Acaraú a partir de 6 de abril de 1958, quem construiu a capela da Gijoca, enquanto o Padre Manuel Valdery Rocha, vigário de Cruz empossado em 12 de setembro de 1965, teria feito a Casa Paroquial.

Também ao Padre Valdery se deve a ampliação consistente na construção dos braços da igreja, conforme informou o atual vigário local, Padre Raimundo Ribeiro de Melo, que assumiu a 18 de fevereiro de 1990.

A este, que preencheu os ângulos formados acima da haste orizontal da figura de cruz latina então desenhada, erguendo ali ampliações ara a sacristia, deve-se ter a forma da igreja passado a ser de cruz em T.

A paróquia de Santa Luzia da Gijoca foi criada em 21 de setembro e 1987, por Dom Walfrido Teixeira Vieira, Bispo de Sobral, tendo sido nstalada em 17 de outubro seguinte, com a posse do primeiro vigário, Padre osé Edmilson Eugênio do Nascimento.

Em fevereiro de 1995 começou uma grande reforma nesse templo, patrocinada pelo Prefeito do município, habilmente denominado de Gijoca de Jericoacoara, para abranger tanto a vila mais próxima e mais acessível, com sua lagoa de margens paradisíacas, como a praia famosa e cercada de dunas móveis. O Prefeito, Sr. Sérgio Ximenes Herrera, serviu-se do símbolo material de religiosidade local para criar mais uma atração turística, pois o resultado de sua obra foi tornar a igreja de Santa Luzia uma realização arquitetônica ímpar, em sua aparência, com certas similitudes com a Igreja do Pequeno Grande, em Fortaleza.

Foi demolida a fachada existente e feito acréscimo de vários metros na frente, com execução de nova frontaria, onde se destaca a torre; também foi ajardinada a área circunvizinha, para cuja proteção construiu-se uma murada, de grades de ferro apoiada em pilares de alvenaria. Segundo o Pe. Raimundo, que não conserva registros desses acontecimentos, as obras na igreja concluíram-se em dezembro de 1995, enquanto na praça estenderam-se até o ano seguinte.

Sendo o formato como o da letra T, na parte superior encontram-se a sacristia, a secretaria e uma sala de confissões, assim como a parede dos fundos da nave, onde não existe altar, vendo-se, apenas, o Sacrário, encravado na mesma, com a imagem da Padroeira no alto, em pedestal simples, com outras duas efígies, da Imaculada Conceição e de São José, aos lados, bem abaixo. Na mesma parede abrem-se, ainda, duas portas que levam à sacristia.

O altar voltado ao público, dois degraus acima de piso comum, é uma mesa de mármore branco, singela, com quatros placas como pernas. As extensões laterais da igreja têm 6,40 por 5,50 metros, constituindo-se naves secundárias; a principal é um espaço único, de oito metros de largura por vinte e três de comprimento, além de outros três e meio do pronau; aos lados deste fica o batistério, aberto, à esquerda, e um pequeno compartimento à direita, que ainda não recebeu os acabamentos devidos, com a escada para o alto. Esta parte ficou tão incompleta que, lá em

cima, é necessário o uso de um escada de mão, de madeira, para alcançarem-se os sinos.

O templo é inteiramente rodeado de altos vitrais, com vultos de santos, 26 ao todo, intercalados com uma porta em cada extremo dos braços e outra ao lado direito da igreja. Os vitrais não são minuciosos e do gosto tradicional, mas sim de poucas divisões entre as cores e estilo modernista, que dificulta, até, a identificação dos personagens retratados. Alguns santos são reconhecidos pelos seus atributos; Santa Luzia ostenta o pratinho, o Coração de Jesus é bem evidente, mas outros só com ajuda de intérprete podem-se nomear.

O piso, de mosaico de cimento, não foi recomposto de forma a uma integração: a parte nova é de desenho diverso da antiga; também houve descuido ao não se abrir uma porta à esquerda da igreja, fronteira à do outro lado. Porém, de um modo geral, o interior é claro e convidativo, correspondendo ao exterior, mais atraente, ainda.

Na fachada há uma torre, central, com porta única, ogival, com um óculo acima e uma sequência de janelas, como se formassem uma só; ao seu lado, sobem colunas, onde foram escavados nichos, que guardam imagens pequenas de Santa Luzia e São Francisco, e que, prolongando-se até o alto da frontaria, servem de base para novas, e maiores, estátuas dos mesmos santos. Nas arestas com as fachadas laterais, no alto, inicia-se a série de pináculos piramidais, com uma cruz no pico.

Lá em cima, a torre se reduz e se abre em quatro arcos agudos, sobrepujados por uma pirâmide muito longa, quase como um cone, pois as divisões são pouco vivas, com um cruzeiro coroando-a. Sobre os beirais, desde os contrafortes da torre, erguem-se os pináculos referidos e, entre eles, uma balaustrada de curtos pilares de cimento, contando, sobre o que seria o corrimão com uma linha contínua de cruzes ornamentais.

A pintura é extremamente original e ousada, na base de nuances do cinza muito escuro para outro mais suave, com as colunas, os frisos, as cruzes e outros desenhos em branco. A semelhança com o Pequeno Grande, de Fortaleza, está em que este templo está escurecido pela ação da umidade; Santa Luzia, de Gijoca também é eriçada pela quantidade de pináculos e cruzinhas existentes no seu contorno superior ...

Maio/97

SÃO MANUEL

Marco

Na cidade onde existiu uma divisória importante, entre sesmarias antigas ou entre freguesias do século passado, que lhe deu o nome, há uma igreja com padroeiro pouco comum. Nos livros históricos que compulsei encontrei poucas referências ao desenvolvimento desse templo e não pude estudar o conteúdo do seu Livro de Tombo, já que não encontrei na cidade seu vigário. Todavia, tive a oportunidade de ouvir uma testemunha praticamente ocular, descendente do construtor do primeiro nicho e adquirente da primitiva imagem, que me contou o que se segue.

Inácio Francisco Ferreira Fonteles, entusiasmado pelas pregações de missionários que ouviu em Sobral, onde se encontrava, trouxe para aqui a efígie de São Manuel, talvez até por não ter encontrada outra disponível,

e a colocou em um santuário de paredes de vidro, como tantos outros existentes nas residência de então, isso nos idos de 1846.

Em torno do pequeno santuário reunia-se a família, em novenas e rezas do fim de cada dia, desenvolvendo-se um apego e respeito extraordinário pelo santinho; sucedendo que o dono da casa fosse acometido de um câncer na língua, rogou pela sua proteção, prometendo construir-lhe uma capela e doar-lhe parte das terras que possuía. Efetivamente, curou-se, mas esqueceu a promessa, até a hora da morte, quando pediu ao filho mais velho para que a suprisse, em seu lugar. Este foi o avô de D. Conceição Fonteles, senhora idosa que, como é do conhecimento geral da cidade, conserva na memória a tradição e me transferiu a maior parte desses dados.

O Sr. Joaquim Ferreira Fonteles não providenciou logo, vindo o pai, em sonhos, por mais de uma vez, exigir-lhe o cumprimento da promessa, até leva-lo a deslocar-se à Bela Cruz, lugar mais desenvolvido, onde contratou a compra de tijolos e, possivelmente, o concurso de construtores para a sua obra. Em consequência ergueu-se o primeiro nicho, em 1870; não era no próprio local da Matriz, mas na esquina que lhe fica aos fundos, do lado direito; depois veio uma capela um pouco maior, à frente, do mesmo lado, um pouco mais diante.

Marco pertencia à paróquia de Acaraú, mas quando ocorreu a criação da de Meruoca, desmembrada de Sant'Ana, em 1880, o Bispo concedeu a esta, como compensação, os distritos de Marco e Tucunduba. Foi, portanto, o Padre Francisco Xavier Nogueira, vigário de Sant'Ana, falecido em 1898, quem elegeu o ponto onde se encontra a igreja, sendo sua obra acrescida pelo Padre Francisco Theótime de Maria Vasconcelos, seu sucessor, em 1908; este tanto realizou que tem sido apresentado como construtor de tudo, como o fez o escritor Hugo Victor Guimarães, na sua obra "Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará".

Joaquim Fonteles faleceu em 1906, sendo sucedido por Raimundo Soares, na tarefa de anfitrionar os padres que vinham prestar assistência religiosa aos moradores e no encargo de administrar a capela. A primeira imagem era pequenina; Francisco de Assis Calixto, sobrinho do Padre Theótime, cumprindo outra promessa, encomendou outra, maior, mas a fábrica não tinha o modelo; quando se quis remeter a imagem original, ocorreram diversas dificuldades, como se ela não aceitasse sair do seu lugar; por último, a muito custo, foi até Sant'Ana, onde D. Ana Benvinda esboçou-lhe um desenho, pelo qual veio a ser copiada, embora muitos aleguem que a cópia - benta em 1899 - não é fiel ao modelo.

A obra do Padre Theótime deve ter sido o corpo da igreja e os corredores; quando a paróquia foi criada, em 29 de dezembro de 1941, por ato de Dom José Tupinambá da Frota, com posse do primeiro vigário em 6 de janeiro do ano seguinte (datas publicadas por Leonardo Mota, grande conhecedor das efemérides religiosas do Ceará), este, o Padre Francisco Apoliano, querendo aperfeiçoa-la, começou a construção da torre, que não chegou a concluir, deixando a freguesia quando ela estava na altura dos óculos. Seu sucessor, o Padre Egberto Rodrigues de Andrade, foi quem concluiu esses serviços e fez as asas laterais, com o que o templo assumiu a forma de cruz latina, que hoje tem.

Seu patrimônio foi constituído por doações feitas por Joaquim de Freitas Rios, que não teve filhos e deixou-lhe suas propriedades: Juncuman, Tapera Velha, Estreito e Maracanã, que foram entregues à igreja por seu curador (nomeado na sua velhice), Artur Cialdini Silveira, também benfeitor pelo donativo que fez da fazenda chamada Almas. Hoje, esses bens rendem foros e laudêmios para as obras pias da paróquia.

O atual responsável pela igreja é o Monsenhor Valdir Lopes de Castro, muito cuidadoso na sua conservação e hoje empenhado em erguer outro templo maior, na área mais elevada da cidade e em lugar de provável expansão desta. Será a igreja do Sagrado Coração de Jesus, já rebocada e coberta, em fase de colocação do piso e portas, com uma nave de 50 metros de comprimento por 24 de largura, mais 8 metros por 34 da sacristia, que tem dois pavimentos; o projeto, pelo que me disseram, é de José Maria Trajano, um mestre de obras local, que trabalhara nas obras do Padre Egberto e da Prefeitura, filho do Mestre Trajano, famoso artífice em trabalhos de alvenaria e madeiramento, provindo de Bela Cruz.

São Manuel foi martirizado por decapitação - pelo que se deduz das imagens no altar principal da sua igreja, no qual a figura mais destacada é a do verdugo, de pé, com botas, vestes azuis e capacete de pluma flutuante, enquanto o mártir, ajoelhado e semi-desnudo, fica-lhe aos pés.

O altar tem forma original, com predominância da cor rósea - que se observa em maior escala nos altares que descreverei a seguir; são quatro colunas retorcidas, em pares de espessuras e alturas diversas, entre o externo e o interno - pois então no mesmo plano, com capitéis dourados, suportando arquitrave incompleta, que se prolonga por faixa rósea, interrompida no alto por uma cruz dourada, parte constituinte do outro elemento do pórtico, de cor branca, inserido mais rente à parede, em parte oculto pelo par de colunas internas. O padroeiro, dentro de um nicho azul-

celeste, cor geral das paredes da igreja, assenta sobre um ressalto, contra o qual se apoia o Sacrário, de metal dourado, com um Crucifixo no alto.

Aos lados do Sacrário, dois degraus brancos, de alvenaria, e abaixo, a mesa firmada sobre quatro colunetas, no molde das grandes e no mesmo alinhamento; entre estas, sob a ara, um alto relevo, com o Cordeiro.

Existem duas portinhas aos lados, dando para a sacristia, que é relativamente pequena, face à extensão total do templo. Próximo a essas portas, a área do altar, elevada quatro degraus acima do piso comum, é protegida por grade de madeira, de pequenos postes torneados.

A capela-mor é definida, em continuação a dois pequenos arcos que cobrem essa balaustradas, por outros dois maiores, de quase oito metros de abertura - que é a largura dos braços da cruz, começando aqui - e pelo arco-mor, cujo piso e degraus são de mármore cinzento, ficando o resto reservado para bancadas.

Nessa parte da igreja os corredores laterais, estreitos, de dois metros, se alargam, já que a capela é bem reduzida em relação ao corpo geral; existem aqui arcos entre os diversos segmentos dessas passagens. Todos esses arcos em torno da capela arrimam-se a colunas quadradas, ou embutidas nas grossas paredes, decoradas com curiosos capitéis brancos, com ornatos dourados, parecidos com folhas ou hieróglifos. O arco maior tem uma cornija acima desses capitéis.

O altar versum populus é de madeira e fórmica; a tribuna é volumosa e bem feita, incorporando um armário, naturalmente destinado a guardar folhetos. A lâmpada do Santíssimo é grande e bonita.

Ao fundo do corredor da direita de quem olha para o altar fica um grande armário-expositor, onde ficam as imagens, vestidas de trajes roxos, do Bom Jesus dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, na parte superior, e do Senhor Morto, envolto por um véu, na parte de baixo; estas devem ser usadas nas procissões da Semana Santa. Ao lado há uma porta de entrada para a sacristia.

O Corredor da direita não tem altar, só um armário, que deve complementar os existentes na sacristia; acima encontra-se uma imagem de Santa Teresinha. No braço da cruz desse lado vê-se São José, e do outro lado São Geraldo, em suportes fixos nas paredes, altos e decorados, pintados como se fossem de madeira.

A nave em 16 metros de comprimento por 8 de largura, desde a porta até o arco-mor; nos ângulos formados por este ficam os outros dois

altares róseos, dedicados ao Sagrado Coração de Jesus e à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; têm quatro colunetas em linha, duas de um lado e duas do outro, construídas como balaustres comuns, com várias espessuras e cintas, sustentando a ara; acima desta um degrau com muitos castiçais e outro onde só está um Crucifixo; a parede do altar então se eleva, com desenhos - de fundo azul - de cinco arcadas, sendo a do meio sobrepujada por frontão, com pináculo e cruz; mais acima o pórtico onde ficam as imagens; finas colunas posteriores sustendo a coberta de um santuário (ao qual faltam as colunas dianteiras), de frontões triangulares nas direções expostas, pináculos nos ângulos externos e cruz no tope.

A única diferença entre esses altares, fora a das imagens, são os monogramas respectivos, afixados na base das aras.

O fôrro da nave é abaulado e pintado com nuvens e cabecinhas aladas, circundando a figura do Cordeiro, que repousa sobre uma Bíblia e empunha uma cruz, com uma faixa pendente: "Ecce Agnus Dei".

A nave se abre para os corredores por três arcos, altos, redondos, que aqui se apoiam em colunas cilíndricas, de socos oitavados e capitéis com o mesmo motivo referido anteriormente. O início dos corredores, fechado, mas com largas portas para o lado da entrada, é que foi reservado para o batistério, com sua pia e um quadro do Batismo de Jesus, e para a escada que serve ao alto.

Nesse lado da parede divisória, onde fica a escada, jazem os restos mortais dos benfeitores Raimundo de Freitas Rios, falecido em 3 de julho de 1963, e Isabel de Freitas Rios, morta em 5 de outubro de 1960.

Sobre a entrada fica o côro, com piso de cimento-armado e balaustres imitando as colunetas róseas.

A torre é aposta à fachada principal, como em Acaraú e Bela Cruz; há um pórtico, de arcos agudos, nos três lados, seguindo-se a porta principal, retangular, de folhas de madeira, com belas aplicações.

A torre se eleva com duas frestas cerradas por placas pré-moldadas em cada face exposta, cada par colocado dentro de um desenho em alto relevo, que engloba, mais acima, um óculo (bem no centro de uma cruz) e, no extremo superior, os mostradores do relógio, em perfeito funcionamento. Há, então, uma cornija, plana nos ângulos - sobre os quais se colocaram pináculos, com lâmpadas nas extremidades, e elevando-se em triângulos nas faces. Depois, a elevação se conclui por uma pirâmide aguda, com uma esfera e um cruzeiro no cimo.

Aos lados da torre, na fachada sobre as portas secundárias, estão duas longas frestas envidraçadas, a primeira mais alta, com faixas verticais que se estendem para cima, terminando por três pináculos, acima da empena, tendo o do meio, mais alto, uma lâmpada na ponta.

Há outro pináculo com lâmpada no alto da coluna que marca a aresta das fachadas laterais, onde existem seis portas desenhadas, mas só duas realmente abertas, com três óculos e dois pináculos mais para cima. Nas asas laterais são quatro frestas envidraçadas e um óculo, nos lados, e quatro frestas e uma porta central, nos extremos; aqui, sobre a porta, que, como as frestas, tem arco ogival, começa um frontão estreito, com três faixas brancas, subindo até pináculos com uma esfera na ponta, exceto o do centro, que tem uma cruz. Nos ângulos externos também surgem pinhas alongadas; há um acesso de dois degraus e grade baixa para essas entradas.

Nos fundos, a igreja tem três portas desenhadas e só uma aberta, para a sacristia e, na face posterior, sete janelas, só uma aberta. Sobre esta, bem no centro, eleva-se a cumieira, com uma cruz, enquanto nos ângulos vêem-se pináculos como os descritos.

À frente, a praça principal da cidade, lindamente ajardinada.

Maio/97

CORAÇÃO IMACULADO DE MARIA

Morrinhos

Em 1869, no lugar então chamado Alto das Flores, José Lourenço de Vasconcelos tomou a iniciativa de construir um nicho, uma pequenina casa de oração, de quatro por dois metros, onde os assistentes talvez tivessem de ficar sob um telheiro (como, por exemplo, na primitiva Igreja de São Bernardo, em Fortaleza), e em torno do qual começaram a se reunir outras famílias. Em outras elevações de terreno, modestas, a salvo das inundações do Rio Acaraú, também se levantaram moradias, que pretendiam ter topônimo próprio, pelo que o Professor Manuel Peregrino - o segundo que lecionou na região - sugeriu que todos adotassem o nome atual e se constituíssem em comunidade única.

A tradição contra que o nicho ficou em preto, isto é, não foi caiado, e talvez nem rebocado externamente, enquanto à sua frente o Sr. João Oquendo Vasconcelos tinha mandado alvejar minuciosamente o seu quarto para comércio, situado ao lado da sua residência. Os raros viajantes, vindos de Sobral ou Santana e indo para Acaraú que por ali passavam, sabendo da existência da capela, tiravam, respeitosamente, o chapéu ao se defrontarem com o estabelecimento comercial ...

Depois, D. Maria Pereira da Silva fez doação de terras à Padroeira - que era chamada, na época, Sagrado Coração de Maria, e Lourenço Vasconcelos faleceu, vindo a ser enterrado sob o piso da sua capela, no lugar correspondente ao altar voltado para o público da atual Matriz.

Em 1910 só haviam, por ali, 17 casas, mas já fôra realizada a primeira festa religiosa com presença de um sacerdote - o Padre Francisco Theótime Maria de Vasconcelos, vigário de Santana, em 1903, e fôra feita a primeira reforma, com acréscimos, da capela, por Joaquim Coriolano da Rocha, em 1908. Em 1925, o devoto Francisco Tibúrcio Soares foi o responsável por novas modificações, enquanto entre 1935 e 1937, foi Raimundo Nonato Silveira quem esteve na frente dos trabalhos para construção da sacristia e outros melhoramentos, sempre realizados com a colaboração de todo o povo, reunidos laboriosamente os recursos necessários.

Criada a paróquia de Marco, e empossado o primeiro vigário, em 1942, Padre Francisco Apoliano, foi este que comandou, a partir de 1944, com inauguração em 29 de julho de 1945, as obras de ampliação, que consistiram na demolição da fachada antiga, acréscimo de vários metros do corpo da igreja para a frente e execução de nova frontaria, trabalho que foi entregue ao Mestre Trajano Almeida, de Bela Cruz, responsável por várias obras dessa natureza, na região, e que, depois, por uma fatalidade, foi morto por uma carnaúba que despencou de uma coberta que ele estava erguendo em uma residência.

Consta que a população não ficou satisfeita com o Padre Apoliano, que só aumentou, no comprimento da igreja, o tamanho de uma arcada: todos queriam uma igreja maior, e que o acréscimo fosse, pelo menos, de duas arcadas. Em 1957 foi criada a paróquia, pelo Bispo de Sobral, desmembrada da de Santana de Acaraú; o primeiro vigário foi o Padre Batista Pereira, empossado no dia 9 de fevereiro de 1958, o qual veio a deixar Morrinhos em 2 de abril de 1981, quando se transferiu para Estância, em Sergipe; depois ele retornou ao Ceará, mas a paróquia estava ocupada pelo Padre Fernando de Aguiar Frota, que quis deixar sua passagem

assinalada por grande realização, projetando a construção das extensões laterais (braços), com o que a Matriz passaria a ter a forma de cruz latina, que tem hoje.

Havendo reunido a maior parte dos recursos necessários para a execução dos serviços, o Padre Fernando deixou a paróquia, sendo sucedido pelo atual vigário, Cônego José Alves Saraiva, chegado à Morrinhos em 22 de abril de 1965, embora sua provisão só tenha vindo a ser expedida pelo Bispado em 29 de junho desse ano, conforme ele próprio me informou.

Ele também me afirmou que a paróquia não tem Livro de Tombo, e nem registros das realizações de vigários e fiéis; em certa altura, conta ele, como atividade curricular, os estudantes de Morrinhos foram concitados a prepararem o roteiro de um livro, com bastantes informações sobre a vida, tanto da paróquia como na municipalidade, mas este nunca foi editado pela Prefeitura, e perdeu-se em seu labirinto burocrático. O Cônego Saraiva me encaminhou aos irmãos Euclides e Antenor Silveira, o primeiro ex-sacristão e assistente dos vigários, e o segundo antigo representante do Funrural, que tanto conservam de memória como escreveram alguma cousa sobre o passado, e foram estes que me transmitiram as notícias anteriormente transcritas, sustentando, ambos, que as reformas, maiores ou menores, praticadas na igreja já foram de dezesseis a dezessete ...

Em 1972 foram construídos, efetivamente, os braços da cruz; mais tarde foi providenciada a cercadura de azulejos - que protege as paredes internas, a retirada das mesas dos altares - tanto do principal como dos situados juntos ao arco-mor, e revestimento do piso do altar, etc.

Como de praxe nas igrejas antigas, a capela-mor é menos larga que a nave principal, e de fôrro mais alto; o piso é elevado em relação ao restante e ocupa quase toda a capela, sendo executado em mármore e granito. O altar virado para os fiéis é de madeira e fórmica, com frisos e símbolos em vermelho, sendo oferta dos dois irmãos citados, dos quais o primeiro, como era o seu pai, é marceneiro, apesar do AVC que o acometeu.

O Altar da Padroeira (é a segunda imagem, ofertada pelo Cel. João Batista; a primeira, acidentada, foi consertada e é guardada em casa de um particular) fica em um pórtico, de colunas cilíndricas, esbeltas, com uma coberta que se conclui por uma cruz, lá no alto, junto ao fôrro. Abaixo se destaca um Crucifixo, que nasce sobre o Sacrário, de metal escuro, adquirido pelo Padre Apoliano; aos lados vários ressaltos para vasos de flores e castiçais. Na parede, abaixo de Nossa Senhora, nos lados, em dois

pedestais, encontram-se efígies do Coração de Jesus e São José. O altar em suas faces planas é pintado de certo ocre granito, sendo as colunas anexas verdes, com o mesmo acabamento.

A cor geral da igreja, interiormente, é cinza, com vivos brancos.

A capela-mor é delimitada por um arco alto, para a frente, e por duas aberturas arqueadas, muito amplas, para os lados, onde, em seguida, estão novos arcos, bem abertos como estes, para os braços laterais; estes são profundos, de dez metros de comprimento por sete de largura - verdadeiras naves secundárias.

Os corredores se comunicam com a nave por três arcos românicos, apoiados em colunas redondas, de socos oitavados e cornijas circulares, no alto. O fôrro é de lambris, pintado de branco, como em toda a igreja. No ponto em que os corredores alcançam as extensões laterais, por pequenos arcos, ficam imagens de São Francisco e São Gerardo, de um e outro lado da igreja. Depois, arcos maiores abrem-se para a sacristia, que é ampla e aberta e tem pavimento superior, sobre laje de concreto.

São doze metros de largura total do templo, sendo menos de três metros para cada corredor, doze e meio de comprimento da nave, mais outros doze metros até os fundos da sacristia.

À entrada não existem compartimentos laterais, embora as ombreiras que sustêm o côro sejam paredes, que dividem o pronau em três partes, correspondentes às portas da frente. À esquerda de quem entra fica a pia batismal, com artística tampa de madeira e, do outro lado da tal parede divisória, fica a escada para o côro, de degraus de concreto.

Nos ângulos do arco-mor ficam nichos (eram altares dos quais foram retiradas as aras e partes inferiores), dedicados à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e à São Vicente de Paulo; cada qual com duas colunas cilíndricas, que se elevam em paralelogramos acima dos capitéis e se unem, formando uma coberta, de onde se destaca uma cruz, no alto; são pintados de cor marfim e beje, observando-se que suas imagens - assim como todas as outras da igreja - foram recentemente encarnadas, estando com cores vivas e fortes, especialmente a Virgem do Perpétuo Socorro, que tem mais vermelhos que as tradicionais.

Enfim, o interior da igreja de Morrinhos, que visitei ao meio dia de 16 de maio, quando fazia muito calor e o sol era abrasador, é um consolo para quem vê o exterior, oferecendo-se, com todas as portas abertas, limpa e acolhedora para quem se acerca dela.

A fachada é azulada, sem torre mas com muitos detalhes: três portas no térreo, retangulares, maior a central, com arcos supostos nas laterais, que têm moldura branca na parte superior; em torno da principal desenvolve-se um desenho de quatro colunas e um frontão, que alcança quase a altura das janelas do côro: uma larga e duas estreitinhas, com arcos superiores e colunetas e frontespícios. Sobre as partes laterais ficam dois óculos; das colunas dos extremos a empena sobre para o centro, onde ainda se ostenta outra estrutura - semi-embutida na parede - como se fossem janelas, cercadas por outras colunas, sendo que, no centro, está aberto um nicho, onde foi colocado o sino.

Acerca de sinos, contou-se o Sr. Euclides Silveira que o primeiro, da capelinha original, vivia suspenso de uma cajazeira frondosa, que existiu à direita da igreja de hoje; um dia caiu e trincou; tentaram conserta-lo, em Fortaleza, mas ficou imprestável, estando hoje pendurado na parte de dentro de um dos óculos da frente.

As fachadas laterais têm quatro portas desenhadas, mas só duas abertas; os braços são circundados por altas janelinhas cerradas por combogós, com portas nos extremos, havendo alguns degraus exteriores no lado direito de quem chega, dada a diferença de nível do terreno. Ainda existem portas nos lados da sacristia, e janelas para os fundos.

Há um grande declive, descendo para o Rio Acaraú - lá longe, mas a igreja não ficou no seu tope, que está sendo ocupado pelo prédio da Prefeitura, em construção; o patamar, bastante vasto, termina em escadaria, que dá para uma praça ajardinada.

Se o interior é simpático e bem conservado, o mesmo não se pode dizer da parte de fora ...

Maio/97